

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

O CHORO DO HOMEM BRANCO (1983)¹ PREFÁCIO (2002)

Pascal Bruckner

Roland Barthes orientou a tese que Pascal Bruckner (Paris, 1948-) defendeu sobre o socialista utopista Charles Fourier em 1975. “Novo filósofo”, professor universitário, romancista e ensaísta premiado, Pascal Bruckner é uma figura polémica. Diz-se herdeiro de Maio de 68, mas tem tomado posições condenadas pela esquerda francesa bem-pensante (D. Perrin, “Pascal Bruckner, le mâle pensant” *Le Monde*, 10-4-2020).

Aos 30 anos, foi revelado ao público através de dois ensaios publicados com Alain Finkielkraut: *Le nouveau désordre amoureux* (1977) e *Au coin de la rue, l'aventure* (1979). Em *Le Sanglot de l'homme blanc. Tiers-Monde, culpabilité, haine de soi* (1983), defende uma alternativa ao Terceiro Mundismo imperante. No prefácio da edição de bolso de 2002, evoca os obstáculos à publicação do ensaio no início dos anos 80 e a receção “agitada” do mesmo. O mundo evoluiu, admite alguns erros juvenis, mas mantém a sua rejeição do Ocidente como bode expiatório, culpado de todas as desgraças decorrentes da (des)colonização. Postura que

¹ Bruckner, Pascal (1983). *Le Sanglot de l'homme blanc : Tiers-Monde, culpabilité, haine de soi*, Paris, Le Seuil.

se confirma ainda no seu ensaio de 2020: *Un coupable presque parfait: la construction du bouc émissaire blanc*.

A sua bibliografia conta com vários outros ensaios, em que aborda temas tão diversos como o amor, a longevidade ou o racismo, uma dezena de romances, uma narrativa autobiográfica em que denuncia a violência e o racismo do pai (*Un bon fils*, 2015) e três livros de literatura juvenil. Colabora com vários órgãos da imprensa francesa e com a editora Grasset.

Já lá vão vinte anos desde que escrevi este livro em febre e júbilo: os seus temas nunca me deixaram, continuam a trabalhar em mim como um questionamento sem fim. Ao prazer de demolir uma mitologia imperante foi acrescentado o de explorar universos ilimitados. Nascido de uma intuição sentida na Índia quando estava a descobrir o subcontinente e a confrontar a realidade ali vislumbrada com as retóricas que aqui se fazem, *Le Sanglot de l'homme blanc* – o título deve-se ao meu amigo François Samuelson – teve uma génese difícil: todos aqueles a quem apresentei o projeto em 1981 dissuadiram-me de o empreender. Tal grande intelectual parisiense, por receio infundado de ser apontado pelos seus compromissos políticos, exortava-me a não cair numa cultura da denúncia; tal editora de renome, temendo um texto que pudesse levantar ondas e irritar os então poderosos, instava-me a desistir e invocava o maná de Levi-Strauss, Sartre para me desencorajar. Foi necessária toda a energia e coragem de Jean-Claude Guillebaud, logo seguido por Denis Roche e Jean-Marc Roberts, para que a obra fosse aceite pela editora Seuil. Agradeço-lhes mais uma vez. Um jovem autor não se esquece daqueles que lhe estenderam a mão nas situações difíceis, sobretudo quando bateu na parede dos bem-pensantes.

A receção do ensaio foi agitada: o entusiasmo de uns, a fúria de outros, salas hostis, berrantes, silêncio constrangido dos órgãos da esquerda oficial, revistas ou jornais que, no entanto, mais tarde

viriam a adotar o meu ponto de vista sem nunca o admitir. Durante algum tempo tive de vestir o hábito do infido, acusado de ter traído o seu campo ao espezinhar um dos seus tabus mais estimados, o do bom selvagem revolucionário, novo tema da história após o proletário, a mulher e a criança.

Tudo isto parece desatualizado hoje quando os meus piores detra- tores acabaram por se tornar anti-terceiro-mundistas intransigentes, ou até descomedidos, que confundem uma ideologia particular com uma retirada para as fortalezas da velha Europa. As polémicas deslocaram-se e pertencem ao passado. Com certeza, este livro padece de algumas ingenuidades juvenis: além da evaporação do conflito Leste-Oeste, que mudou o jogo, subestimei, na altura, a natureza fundamentalmente trágica do envolvimento político, que, ainda que justo, arrasta sempre um quinhão de sofrimentos e abominações difíceis de suportar. Enfim, não sublinhei suficientemente a necessidade de alguns povos ou minorias oprimidas se revoltarem, e esta obra está repleta da grande desilusão que se seguiu às independências resultantes dos colapsos da China, do Vietname, do Camboja, da Etiópia, de Angola, do Irão.

À pergunta: quem é o culpado?, no sentido metafísico do termo, o Terceiro-Mundista responderá espontaneamente: o Ocidente, e, sobretudo, a América. Deixar de raciocinar desta forma é admitir que todos os países partilham a mesma responsabilidade e não podem culpar pelos seus erros um bode expiatório, nem que seja um tão prático e plástico como os Estados Unidos. Cada qual que faça a sua autocrítica, mesmo se isso significar apontar também as desigualdades e injustiças reais do sistema internacional. Obviamente, o Terceiro Mundismo enquanto estrutura mental, ou seja, a razão dada ao inimigo no julgamento de si próprio, não desapareceu, uma vez que tem sido um constituinte do espírito europeu desde a Renascença; pelo menos está agora presente de forma mais académica do que política. Vestígios disto encontram-se no multiculturalismo

norte-americano com o seu ódio ao "homem branco macho europeu morto" e certos excessos do afro-centrismo, que se contenta em decalcar fielmente o euro-centrismo de outrora, invertendo-o. Em França, na reverência mostrada aos "jovens dos subúrbios", exonerados de qualquer dívida moral porque são figuras vitimárias por excelência, duplamente danados da terra uma vez que são descendentes dos colonizados e mantidos numa situação de exclusão.

A ideia-força de que pertencemos a uma civilização amaldiçoada, condenada a desaparecer, enferma e infame ao mesmo tempo, permanece o eixo central de numerosas reflexões e ainda irriga todo o tipo de disciplinas, tais como a sociologia e a etnologia. Vemos assim honoráveis aposentados do sistema nacional francês da Educação, devidamente reformados e gozando de todas as garantias do Estado de Direito, celebrarem com grande alarido, no conforto das suas casas, a figura do terrorista e invocarem uma postura radical. O que se pode dizer igualmente da onda de arrependimentos que se propaga como uma epidemia nos nossos climas, a não ser que é a melhor das coisas desde que se admita a reciprocidade e que se estenda à totalidade da espécie humana? O dia em que todos os Estados, religiões, culturas reconhecerem os seus crimes sem de forma alguma diminuir os horrores específicos da Europa e da América do Norte será um dia de progresso para a humanidade inteira. A contrição não pode ser reservada para uns poucos e a inocência concedida aos restantes. O facto de alguns se autoflagelarem enquanto muitos continuam a se mostrar sob os traços cândidos do perseguido foi particularmente visível na conferência de Durban contra o racismo na África do Sul, no Outono de 2001, que terminou com os gritos de "Morte aos Judeus!" e a total ocultação da responsabilidade árabe pelo tráfico de escravos negros. A entrada na História suja necessariamente, Israel é prova disso. Não existem povos inocentes ou eleitos, só existem regimes mais ou menos democráticos capazes de corrigir as suas falhas e assumir os erros do passado. Resta refletir sobre o que chamei

em 1995, noutro ensaio, a *concorrência vitimária*, ou seja, a corrida ao reconhecimento iniciada há meio século pelos párias do planeta, brandindo os seus infortúnios para serem premiados com a cláusula do povo mais desfavorecido.

Numa altura em que aquilo a que se costumava chamar o Sul está a emergir como um ator maior, gostaria finalmente de reter deste livro um duplo eixo: o da discórdia e deslumbramento. As diferentes humanidades que coexistem neste globo atraem-se tanto umas às outras como se repelem e comungam sob as duas espécies da alergia e do fascínio. Qualquer pessoa que se esqueça de um dos termos peca por angelismo ou desprezo: violência dos Estados ou das nações sempre com a tentação de se imporem umas às outras pela força, atração por costumes, línguas, crenças diferentes num mundo que não para de se reunir e diversificar. O encontro com o outro acontece sempre num contexto de relutância e maravilhamento. O pior é passar ao lado da maravilha por medo ou preguiça e permanecer enclausurado em si próprio, no provincianismo da própria identidade.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
FRANÇOISE BACQUELAINE

Universidade do Porto